



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA
CATARINA**

CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

**CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO
CAMPO**

**PRECONCEITO: RELAÇÕES ENTRE SUJEITOS
UM OLHAR PARA A COMUNIDADE ESCOLAR
BERTINO SILVA, LEOBERTO LEAL, SC.**

**Florianópolis
2014
DJANIE CARLA KREUSCH**

**PRECONCEITO: RELAÇÕES ENTRE SUJEITOS.
UM OLHAR PARA A COMUNIDADE
ESCOLAR BERTINO SILVA, LEOBERTO LEAL,
SC.**

Trabalho apresentado ao Curso de Graduação da Universidade Federal de Santa Catarina como parte dos requisitos para a obtenção do título de Licenciada em Educação do Campo.

Orientadora: Patricia Montanari Giraldi

**Florianópolis
2014**

Dedico este trabalho a todos que ao perceberem atitudes preconceituosas, buscam de alguma forma, fazer com que este círculo não continue que buscam por meio da educação mudar realidades postas.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Waldir José Kreusch e Vanda Gucherdt Kresuch, pela confiança de que eu seria capaz de vencer esta etapa, o estudo que sempre foi tão desejado por mim.

As grandes amizades e parcerias que fiz durante estes quatro anos: Marilda, Mariani, Ceci, Heloisa, Juciane e Vanessa.

Aos meus irmãos Emerson, Djeison e Márcia, pela disponibilidade e ajuda sempre que precisei.

A minha orientadora e amiga Patrícia Montanari Giraldi, que tanto me ajudou e deu força na realização de todas as etapas que me trouxeram até aqui.

A Escola de Ensino Básico Bertino Silva e a todo o seu corpo de funcionários, por terem sempre me recebido de braços abertos.

Aos estudantes do 2º ano do Ensino Médio, todos, sem exceção, colaboraram muito para a realização deste trabalho.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	6
CAPÍTULO I	8
1.1 PRECONCEITO.....	10
CAPÍTULO II	16
2.1 METODOLOGIA	18
2.2 A BUSCA PELO TEMA DA PESQUISA	22
2.3 CONHECENDO HISTORICAMENTE O MUNICÍPIO LEOBERTO LEAL	25
2.4 HISTÓRICO DA ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA BERTINO SILVA	35
CAPÍTULO III	41
3.1 UMA SOCIEDADE SEM PRECONCEITOS	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	53
REFERÊNCIAS	56
ANEXOS	58

INTRODUÇÃO

Pretende-se com este trabalho, uma reflexão sobre as relações existentes no interior da escola e seu entorno.

Tendo em vista a discussão sobre preconceito, no presente estudo focaremos nosso olhar sobre uma comunidade escolar específica, a comunidade escolar Bertino Silva localizada no município de Leoberto Leal. Esse contexto escolar tem acolhido minhas vivências de estágio e tempo comunidade desde o início do curso de licenciatura e foi no trabalho realizado naquele contexto que o tema preconceito foi identificado como relevante para esta investigação. O processo de investigação descrito neste trabalho de pesquisa foi realizado durante o estágio docência vinculado ao curso de Licenciatura em Educação do Campo.

No presente estudo, tenho como foco: Discutir com estudantes, professores e comunidade o conceito de preconceito e as formas de preconceito. Na intenção de fazer uma reflexão sobre tal tema, os objetivos traçados são:

Objetivos

– Identificar de que forma o preconceito se faz presente no contexto escolar, a partir de falas de estudantes, professores e comunidade.

-Investigar na escola por meio de questionários com estudantes e professores as diferentes posições sobre o mesmo tema.

Desse modo, o presente TCC está estruturado da seguinte forma:

No capítulo I se traz uma discussão do conceito de preconceito de um modo geral e suas relações com o ensino escolar.

No capítulo II se descreve a metodologia utilizada para o presente trabalho. Neste capítulo se descreve historicamente o município de Leoberto Leal, pois se trata do ambiente de pesquisa e as características da sua população. Vem colocado o histórico da escola envolvida na pesquisa.

No capítulo III se apresenta as falas dos sujeitos envolvidos na presente pesquisa e uma breve análise desses materiais Focando sempre no preconceito, tema da pesquisa. Não deixando de lado o caminho percorrido e considerações a respeito de ter escolhido esta comunidade como fonte de dados para tal pesquisa.

I CAPÍTULO I

Expondo a função da escola, no sentido de que ela influencia o ser humano em sua caminhada social e projeções futuras, AQUINO (1998), reforça esta tarefa quando afirma: “Sabemos que a tarefa inerente e principal de toda estrutura educacional, especialmente a escola, é a de promover o desenvolvimento e a aprendizagem do ser humano nas diferentes dimensões: sociais, cognitivas, emocionais e motoras”.

A escola como espaço onde acontece a construção sistemática do conhecimento, precisa instigar o estudante, de forma atrativa, criativa, prazerosa.

Assim, uma das características encontradas na sociedade de um modo geral e no cotidiano escolar, é a existência de juízo prévio.

Como afirma (TRINDADE,1994): “cotidiano na perspectiva de que comporta em si um paradoxo, ao mesmo tempo que contém o que há de singular no ser humano: sentimentos, capacidades, habilidades, ideologias”. Esta mesma autora também afirma que:

É na vida cotidiana que se dão opções, alternativas entre: sujeição à hierarquia, à repetição, às regras externas e/ou interna, fixa (superego), o que implica uma forma de controle para impedir qualquer forma de morte ou estilhaçamento, assim como

de criação, o que é um processo de grupalização totalizante, excludente da diferença; o ser sujeito, também individual ou grupal, singular ou plural, que se abre a atravessamentos aos encontros, aos desejos à criação negando a hierarquização e as cristalizações, verdades fixas e definitivas.

Acredito que a escola no seu cotidiano, esta repleta de preconceitos e juízos pré-concebidos sobre os jovens. Ao se discutir sobre preconceito, em sala de aula e com a comunidade escolar, se revelam falas veladas sobre o assunto em questão, (deixando claro que se trata de uma visão própria desta observadora), como: não aprendem porque são preguiçosas, porque são pobres, porque vieram da área rural, etc.

1.1 PRECONCEITO

Quando sou questionada sobre o que é preconceito, vejo, que um dos fatores que fazem as pessoas se afastarem, competirem e repelir quem não se adequa ou apresentam competências valorizadas em uma sociedade, é o preconceito. Definido em geral, como uma atitude hostil contra indivíduos, muitas vezes considerados mais frágeis.

Minha primeira reação foi buscar tal definição no dicionário então: no dicionário a definição de preconceito é. Opinião ou pensamento acerca de algo ou de alguém cujo teor é construído a partir de análises sem fundamentos, sendo preconcebidas sem conhecimento e/ou reflexão; prejulgamento. Forma de pensamento na qual a pessoa chega a conclusões que entram em conflito com os fatos por tê-los prejulgado. Repúdio demonstrado ou efetivado através de discriminação por grupos religiosos, pessoas, ideias; pode-se referir também à sexualidade, à raça, à nacionalidade etc; intolerância. Comportamento que demonstra esse repúdio. Convicção fundamentada em crenças ou superstições; cisma.

Mas tal busca também se faz através de alguns autores e estudiosos do tema. Então para definir preconceito, AQUINO (1998) traz de uma forma simples e clara este conceito:

“Preconceito como significado, quer dizer pré-conceito, uma opinião já formada a respeito de determinado assunto, pessoa ou objeto”. Então podemos afirmar que o preconceito não existe em si, mas é parte de nossas atitudes em relação a alguém ou alguma coisa.

Trazendo o lado da moralidade PINHEIRO (2011), diz que o “preconceito pode ser entendido como um valor. [...] construídos e elaborados pelos sujeitos em suas vidas”.

Vejo que não existe um modelo teórico único que defina preconceito, e que possa atender a todas as ciências, então neste trabalho discute-se o preconceito nas interações entre os sujeitos, onde concordo com MIRANDA (2005), que diz que o preconceito é moralmente negativo:

A busca por uma integração social não conflitiva leva o indivíduo a simplesmente assimilar conteúdos prontos, que servem à manutenção e consolidação da ordem social vigente, abdicando da possibilidade de liberdade. Assim, todo preconceito é moralmente negativo, no sentido de que impede a autonomia do indivíduo, diminuindo as possibilidades de uma escolha historicamente positiva.

Voltando o olhar para a escola, vejo a mesma como um meio onde a interação entre as pessoas, deveria ser justa e aceitável. Muitas vezes não nos damos conta de como é natural,

no sentido de que faz parte da nossa rotina, excluir, discriminar. Lembrando sempre que: Pré-conceito é uma concepção produzida socialmente e culturalmente, nem sempre atrelado à negatividade Mas será esta a sociedade que queremos? Devemos pensar um pouco se as nossas atitudes como (futuros) educadores estão coerentes com o mundo que queremos.

Considerando que demonstramos preconceito, muitas vezes, por se tratar de uma herança cultura, DARCY RIBEIRO diz:

A mais terrível de nossas heranças é esta de levar sempre conosco a cicatriz de torturador impressa na alma e pronta a explodir na brutalidade racista e classista. Ela encandece, ainda hoje, em tanta autoridade brasileira predisposta a tuturar, seviciar e machucar os pobres que lhes caem às mãos. (RIBEIRO.1996, p.120)

Cada indivíduo constrói sua identidade sob circunstâncias históricas, culturais e sociais onde esse indivíduo está inserido. Então a identidade é formada, mantida ou transformada por relações sociais, isto é, a sociedade constitui categorias às pessoas, dentro do que ela considera natural. Como exemplo, em uma sociedade onde é natural, casar e constituir família cedo. Não é natural alguém colocar em primeiro plano, estudos e carreira, mais tarde pensando em filhos e matrimônio.

Relacionando o tema preconceito com ensino, acredito que cada indivíduo é particular, traz consigo uma bagagem sócio-cultural, nosso desafio, porém, é promover uma educação mais ampla e que contribua para a transformação e desnaturalização das realidades sociais, tendo em vista essa bagagem cultural que estudantes e professores trazem para a sala de aula ao promover o desenvolvimento físico, emocional, intelectual e social, através da apropriação do conhecimento científico e dos bens culturais produzidos pela humanidade, através de um currículo trabalhado de forma interdisciplinar é um caminho interessante, mas não a receita para acabar com o preconceito. O conhecimento produzido em qualquer área por mais amplo que seja, representa, apenas de modo parcial e limitado, uma forma de ver a realidade. A vida é um constante aprendizado, muitas vezes nem nos damos conta disso, pois desde o nascimento estamos aprendendo a viver. Porém ao longo da vida, há necessidade de um conhecimento mais sistematizado, sempre interligado com a vida, com objetivo de melhorá-la. Diante disso pode-se dizer que são inúmeras as formas de aprender e ensinar.

Considerando o sujeito do conhecimento (estudante), o entorno e a aprendizagem, (DELIZOICOV.2002,pg.122), afirma que: “se a aprendizagem é resultado de ações de um sujeito, não é resultado de qualquer ação; ela só se constrói em uma interação entre esse sujeito e o meio circundante, natural e social”.

Então nas diferentes áreas do conhecimento, nossos estudantes já trazem conceitos elaborados a partir das relações que estabelecem com o meio em que vivem que não podem ser ignorados pela escola. E nessa perspectiva vem junto uma bagagem de preconceitos. Trata-se de lidar com esses saberes como ponto de partida e provocar o diálogo constante deles com o conhecimento das ciências, garantindo a apropriação dos mesmos e da maneira científica de pensar.

Acredito que assim, conseguiremos atingir nossos objetivos de formar homens e mulheres pensantes, livres e atuantes na sociedade em que estão inseridos., como diz FREIRE (1996): “Sem acreditar que somos capazes de mudar a educação, nem que seja com ações minúsculas, nós professores nos tornamos apenas mais um ‘passador’ de conteúdos, em sala de aula”.

Sendo a escola, um local onde manifestações sociais ocorrem, devemos atuar com práticas que recebam a todos que a procuram, fazendo com que se cumpra o seu papel na formação de um sujeito crítico em suas relações sociais. Contribuindo então para a formação do cidadão capaz de ter senso crítico, como afirma (FREIRE, 1996, p.22), escrevendo que:

A reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria/Prática

sem a qual a teoria pode vir virando blábláblá e a prática, ativismo. O que interessa é alinhar e discutir alguns saberes fundamentais à prática educativo-crítica ou progressista e que, por isso mesmo, devem ser conteúdos obrigatórios à organização programática da formação docente. Conteúdos cuja compreensão, tão clara e tão lúcida quanto possível, deve ser elaborada na prática formadora. É preciso que o formando, desde o princípio de sua experiência formadora, assumindo-se como sujeito também da produção do saber, se convença definitivamente de que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção.

Neste sentido ensinar, não é apenas repassar conhecimento, transferir do educador para o educando. A construção do conhecimento se faz com sujeitos, que participam ativamente deste processo. E o educador deve ter consciência de que ele deve criar possibilidades para que isso aconteça.

E nesse contexto, de participar ativamente da construção do conhecimento, e as relações entre os sujeitos se torna latente. E que o meu município seja beneficiado. O que será tratado com maior profundidade no capítulo que segue.

II CAPÍTULO II

Sendo orientada e desafiada a partir de disciplinas da licenciatura em Educação do Campo, da Universidade Federal de Santa Catarina, resolveu-se efetuar tal pesquisa em meu Município de origem, isto é, onde cresci e estudei. Foi tomada a decisão de que seria uma pesquisa exigindo um contato direto e constate com o dia a dia da escola e da comunidade.

O contato continuo se justifica, pois as circunstâncias particulares em que um determinado objeto se insere são essenciais para que se possa entendê-lo. Na preocupação com os dados coletados, foi levado em consideração as pessoas, as situações, acontecimentos, entrevistas, conversas informais, etc.

Procurei me atentar ao maior número possível de elementos presentes no cotidiano da escola e da comunidade em seu entorno, pois uma situação por mais trivial que poderia parecer se tornaria essencial para a escolha de um tema a ser estudado, e foi o que aconteceu. Uma questão aparentemente simples no município, como a divisão social dos que moram na praça (centro) e os que moram na roça (área rural), e que na escola, a meu ver foi tomada como atitude preconceituosa.

Desta forma, se justifica observações em todo o município e depois entrar em sala de aula para a coleta de dados com a mesma intenção, ou seja, falas significativas que me levaram ao tema “preconceito”.

2.1 METODOLOGIA

Quando chegou o momento de escolher o método de pesquisa, não pude deixar de lembrar que não existem receitas prontas, então o processo aconteceu em etapas: exploração, decisão e identificação.

A primeira etapa acontece na escolha do município para o tempo comunidade de todo o curso (Licenciatura em Educação do Campo), tal escolha teve como critério, ser da minha origem, um município rural e de colonização europeia (Leoberto Leal SC), estabelecendo contatos para a entrada em campo, onde estão as primeiras observações.

A segunda etapa consiste em uma busca mais sistematizada, ou então diminuir um pouco o campo de estudo, como exemplo a educação no município.

A terceira etapa se encarrega de explicar a realidade daquele local, onde trago a história do município e a história da escola, para mais tarde então formular conceitos e hipóteses para responder as questões que levaram a pesquisa.

Qual seria o meu papel neste contexto? Como poderia tratar de preconceito em uma comunidade onde também construí relações. Tive que me submeter ao estranhamento, pois se trata da

minha terra, tive que ser aceita como pesquisadora, não me identificar com os grupos, lembrando sempre que não há neutralidade na pesquisa, o que se produz é uma minimização dessa identificação, um estranhamento, construído para vermos outras possibilidades de dizer. Ato fundamentais para a realização da pesquisa. As observações foram in loco, isto é, participando das experiências diárias da escola e comunidade,¹ tentando apreender a visão de mundo deles, como suas ações influenciam suas realidades. Correu-se o risco de que as observações não fossem fidedignas, pelo meu envolvimento direto com esta comunidade em particular, pois existem críticas a este tipo de coleta de dados em pesquisas, provocando interferência no ambiente e influenciando os sujeitos, outra crítica seria que este método se baseia em interpretações pessoais.

Para refutar tais críticas realizam-se as observações em um tempo maior, isto é, a coleta dos dados foi feita em vários momentos, tornando minha presença na escola, comunidade e sala de aula o mais natural possível.

Além de todas as observações, foi pensado também para a comunidade escolar, questionários, com o objetivo de existir um material escrito sobre o tema, para futuras análises e confrontos

¹ Destaca-se que as observações na comunidade foram feitas de maneira informal. Em conversas e participação em eventos.

de ideias e opiniões. Seguindo a lógica de se ter algo escrito, proveniente dos pesquisados, sempre relacionado ao tema preconceito, os estudantes elaboraram um material informativo, resumidamente tratado como cartilha onde expuseram seus desejos futuros de uma sociedade sem preconceito. Assim, nossos materiais de análise são constituídos por: textos produzidos pelos estudantes ao longo do estágio de docência (que teve como tema gerador a questão do preconceito); conversas informais com grupos da comunidade; questionário respondido por professores da escola Bertino Silva.

Ainda se tratando de metodologia, acredito ser relevante trazer a história da colonização do município de Leoberto Leal, pois em pesquisas o ambiente onde é feita a observação deve ser descrito. E relacionando com o tema preconceito, vejo nas palavras de PINHEIRO (2011), a existência dessa relação:

Preconceito pode ser entendido como valores diversos, que consistem em juízos preconceituosos mediante representações que o sujeito tem sobre a realidade. Tais representações, no entanto, não são frutos apenas de construções individuais, logo que a cultura exerce papel fundamental para a sua elaboração.

Como falado anteriormente, e reiterando, que se trata de uma visão própria, muitas vezes, as características de um povo se justificam pela sua colonização.

Tais informações foram buscadas em vários segmentos da sociedade, como: igreja, jovens, poder público, área de segurança, grupos de mais idade, comunidade escolar, etc. Neste sentido buscando na visão de cada um destes setores, qual seria a grande problemática em seu município, ou a falta de uma, pois um problema para um observador pode não ser para a comunidade. E as colocações dos observados foram se direcionando para um tema. Então o projeto nasceu com o tema: preconceito.

2.2 .A BUSCA PELO TEMA DA PESQUISA

Com toda uma bagagem adquirida durante três anos de estudos, no curso de Licenciatura em Educação do Campo, e muitas vezes tentando pôr em prática esses conhecimentos adquiridos em sala de aula, ou seja, na universidade desenvolvi minha iniciação à docência. Nesse processo buscou-se com a turma do 2º ano do Ensino Médio da Escola de Ensino Básico Bertino Silva, aplicar práticas e metodologias, isto é, todo este entusiasmo que levei comigo, com esperanças de mudar realidades escolares, como bem diz (FREIRE, 1996) em seus escritos.

Após ter iniciado os estágios em sala de aula, meus objetivos começaram a mudar, pois devemos iniciar partindo sempre de situações concretas para que o estudante possa apropriar-se do abstrato formando assim conceitos, despertando no estudante a curiosidade e o interesse, levando-o a compreender a necessidade de se buscar conhecimento através da interação vivenciada e experienciada entre professor/estudante e estudante/professor. Nem tudo o que planejamos realmente acontece por isso à necessidade de um planejamento flexível onde o professor esteja aberto a mudanças e saiba aproveitar as situações de criatividade e interesse dos estudantes. Trabalhar

com a diversidade de atividades implica promover a capacidade dos estudantes, sua participação no trabalho coletivo, adquirindo conhecimento a partir do que ele já sabe.

O processo de construção da busca pelo tema da pesquisa teve uma estreita relação com a busca de um tema de ensino para o estágio que iria se realizar no Ensino Médio. No semestre de 2013/2, fomos desafiados a realizar um trabalho de investigação na comunidade inspirado na perspectiva de investigação temática de Paulo Freire. Assim construímos instrumentos de pesquisa (observações, questionários, conversas informais), que possibilitaram identificar “falas significativas” que apontaram um tema relevante. O Preconceito.

Tal investigação resultou em planos de aula, para o estágio no Ensino Fundamental, abrangendo o 2º ano do Ensino Médio da Escola de Ensino Básico Bertino Silva de Leoberto Leal, SC. A partir do momento em que o tema estava claro, então se planejou aulas interdisciplinares (química, física, biologia e matemática), em que este tema poderia ser abordado, trazendo-o o mais próximo possível da realidade destes estudantes. Pensando quem é aquele estudante e onde ele está.

Então os objetivos buscados com este projeto seriam: Contribuir para promover uma mudança no olhar sobre o outro, tendo em vista a construção de relações que visem o respeito às

diferenças; Problematizar a compreensão que estudantes têm sobre as diferenças entre sujeitos; Estimular a pesquisa e a criatividade dos estudantes através das novas tecnologias; Propiciar aos estudantes a compreensão de conteúdos que envolvam as disciplinas de química, biologia, matemática e filosofia; Possibilitar uma leitura da realidade.

Para que tais objetivos fossem alcançados, planejou-se vinte horas/aulas, trabalhando interdisciplinarmente algumas disciplinas sem perder o foco que seria “O preconceito”, ou seja, falar de um mesmo tema em aulas de química, física, biologia e matemática.

Faz-se presente nos anexos o material resultante deste projeto, que é um material impresso, informativo, escrito pelos estudantes. Denominado pelos mesmos como “Cartilha”. Lembrando que a presença destes materiais neste trabalho existe por sua relação com o tema preconceito, e foi através dos mesmos que foram coletados muitos dados para análises.

Ainda se tratando de metodologia, acredito ser relevante trazer a história da colonização do município de Leoberto Leal, pois em pesquisas, o ambiente onde é feito as observações, deve ser descrito.

2.3 CONHECENDO HISTORICAMENTE O MUNICÍPIO LEOBERTO LEAL

O conteúdo a seguir, tem sua base em uma obra que conta a história da colonização do município (Leoberto Leal, História de uma Terra e sua Gente. De Vargedo a nossos dias. De 2007) que se tornou o ambiente de pesquisa para a realização deste trabalho. Segundo (CUNHA, 2012), é relevante conhecer historicamente o Município de Leoberto Leal:

Nesta obra (BRAUN, 2007), descreve: Até a chegada dos desbravadores, a região era habitada por índios que eram pejorativamente chamados de bugres pelos homens brancos. Eles pertenciam à tribo dos Xokleng (aranhas) e Kaiagang (homem da terra). Eram denominados botocudos por usarem adereços de madeira e dentes de animais em furos nos lábios. Moravam em cavernas e embaixo de peraus (grandes encostas rochosas), se alimentavam de caça, frutos silvestres e pinhão. Circulavam livremente pela região até Lages.

Quando se iniciou a colonização, o governo contratou homens para exterminá-los já que atacavam os colonizadores tentando proteger a própria terra. Esses homens eram chefiados por Martinho Marcolino de Jesus, conhecido como Martinho Bugreiro. As localidades que mais tinham bugres eram as regiões

que hoje são conhecidas como Vargem dos Bugres e Rio Emiliano, porém aos poucos, todos foram extintos.

Vejo nestes fatos históricos, que muitas vezes poderia estar acontecendo, como objetivo do governo, um branqueamento da população, melhoria da raça, ligação importante com a questão do preconceito no município.

A colonização do território de Vargedo (nome anterior à emancipação) efetuou-se por duas frentes distintas: a primeira, que teve menor influência na formação colonizadora, foi incentivada pelo Núcleo Colonial Senador Esteves Júnior via Nova Trento. A segunda ocorreu através de ações migratórias oriundas da Colônia Militar de Santa Tereza, hoje Catuíra - Alfredo Wagner e posteriormente, de localidades situadas às margens da estrada geral de Florianópolis a Lages. Esta segunda frente foi a que mais influenciou na estruturação sócio-econômica e cultural do município.

Os alemães vieram (ou foram trazidos) ao Brasil na segunda metade do século XIX. Um grupo de alemães com destino a Santa Catarina, trazidos pelas companhias de colonização, desembarcou em Itajaí em 1850 com a finalidade de estabelecer-se no Vale do Rio Itajaí: Blumenau, Brusque e região. Isto não significa que Blumenau foi a primeira povoação alemã em Santa Catarina. A primeira povoação data de 1829, em São

Pedro de Alcantara. Este grupo fazia parte de uma estratégia anterior do governo da província que se limitou a povoação de Santa Catarina, pois o grande fluxo de imigrantes alemães neste período destinava-se ao Vale dos sinos, no Rio grande do Sul.

Muitos colonizadores de Leoberto Leal são descendentes de alemães que vieram para a colônia Santa Isabel a partir de 1847. É deste tronco que procedem aos chefes das famílias que vieram subindo a serra do mar para se estabelecer na região do Garcia, do Rio Engano e de Major Gercino, indo até no Diamante e no Rio Café – Boitexburgo. Outra parte dos mesmos imigrantes ocupou as terras em torno de Rancho Queimado, seguindo para Taquaras, Rio Novo e Barracão, e se instalaram no Vargedo, hoje Leoberto Leal.

Ainda segundo (BRAUN, 2007), a denominação Vargedo deu-se em virtude da topografia plana existente na localidade de Alto vargado quando avistada pelos pioneiros Rodolfo Andersen e Antônio França na travessia do faxinal Preto, uma vez que, parecia que estavam diante de uma enorme área plana, ou seja, um vargado.

Desde a sua fundação, a comunidade de Vargedo crescia rápido devido à influência dos colonizadores. As lutas foram muitas, até que em 1931, Leonardo Franzem, representante chefe da Comissão Distrital e o Juiz da Comarca de Tijucas, Nelson de

Souza Guimarães, conseguiram elevar Vargedo à condição de Distrito. A aceitação ocorreu através do Decreto Estadual nº217 de 05/03/1932 e a instalação aconteceu no dia 17/04/1932.

Segundo as informações deste autor, pelo fato de não existir máquinas, o trabalho era pesado e basicamente manual, o que tomava grande parte do tempo dos habitantes. Necessitava-se da ajuda dos filhos e plantava-se em pequenas quantidades. O transporte do que era produzido era feito por cavalos com cargueiros, carros de boi e carroças.

A alimentação era baseada no consumo dos produtos produzidos em casa ou cultivados na própria propriedade como: feijão, arroz, batata inglesa, aipim, batata doce, milho, batata salsa, frutas, verduras, macarrão caseiro, queijos, ovos, banha, nata, ricota, manteiga, mel e café caseiro. Pão de trigo e doces só eram feitos em festas e no Natal. A carne era seca ao sol ou defumada sobre fogões a lenha, ou ainda conservada em recipientes com banha de porco. Com o milho, fazia-se pamonha, bolinho frito pão, polenta e, algumas famílias até faziam café com milho torrado.

A vida em família, apesar de ser difícil era tranquila. Todos trabalhavam no pesado o dia todo, chegavam em casa cansados e dormiam cedo. As pessoas conversavam mais, tomava-se banho em grandes bacias ou gamelas, as roupas eram

lavadas nos rios, lagoas e nascentes que muitas vezes eram distante de casa.

No início, as construções não tinham assoalhos, somente chão batido. As paredes eram feitas de madeiras rachadas, a cobertura era feita por taboazinhas ou folhas de coqueiros e a iluminação era feita por lampiões à querosene. Somente mais tarde começou-se a construir casas utilizando “estuques” (casa de barro) e posteriormente, com a implantação de serrarias e olarias, passou-se a construir casas de alvenaria e de madeira serrada. Até a chegada da eletricidade, as únicas fontes de informação eram as próprias pessoas e os rádios a bateria.

Com informações retiradas da obra de (BRAUN, 2007), Leoberto Leal, desde que era Vargedo, por estar em um vale de solo fértil, teve sua economia baseada na agricultura e na agropecuária.

Na agricultura, as principais atividades econômicas desenvolvidas foram: milho, feijão, mandioca, batatas entre outros. Na agropecuária, destacou-se a criação de suínos, bovinos e aves. Primeiramente, produzia-se em pequena quantidade para garantir o sustento da família e tudo que se produzia além do necessário, era levado para comerciantes de localidades vizinhas e trocado por mercadorias não produzidas ou beneficiadas nas propriedades locais, como o trigo, o açúcar mascavo e sal.

Para preparar a terra para o plantio, os agricultores roçavam a mata utilizando foices, enxadas e machados e, depois faziam a queimada do que haviam derrubado, para então fazerem o plantio. Para plantar o milho e feijão, utilizavam enxadinhas para fazer as covas e, para transportar os grãos, usavam bocós (sacola, geralmente de tecido, pendurada na cintura). Posteriormente, desenvolveram-se algumas atividades industriais, tais como: engenhos de farinhas, popularmente conhecidos como tafonas e engenhos de cana de açúcar, serrarias e olarias, o que contribuiu significativamente para o desenvolvimento do comércio local.

As primeiras casas comerciais foram instaladas próximo de Rio Antinhas e no Alto Vargedo. Para buscar as mercadorias, os comerciantes usavam tropas de mulas com cargueiro. Levavam vários dias para fazer o trajeto e corriam o risco de serem atacados pelos bugres e pelos animais ferozes, como a onça. Só na década de 60 é que se iniciou o cultivo de fumo e cebola, os quais são os alicerces da economia atual do município.

Com a chegada da industrialização, a partir dos anos 70, muitas coisas começaram a mudar. Surgiram os primeiros tratores com guincho, o que incentivou o desmatamento e criou novas fontes de rendas. Já não era mais necessário muitas pessoas para trabalhar na lavoura. O trabalho começou a ficar mais leve com a

ajuda de máquinas agrícolas e dos agrotóxicos, passou-se a produzir mais em menor espaço de tempo. Os cavalos, carros de boi e zorras foram substituídos por tratores com carretas, microtratores e caminhões, que passaram a transportar as mercadorias.

Segundo (BRAUN, 2007), a partir de 1969, com a chegada da energia elétrica em Leoberto Leal e das primeiras televisões, a vida das pessoas mudou radicalmente. Elas passaram a dormir mais tarde, conversar menos e ficar mais informados, pois assistir televisão tornou-se um lazer.

Além da TV, outros eletrodomésticos também facilitaram a rotina, como a geladeira, que diminuiu o desperdício de alimentos, pois os conservava por mais tempo. E logo chegaram os produtos enlatados, empacotados e industrializados e até mesmo os agricultores começaram a comprar estes produtos em supermercados.

Mudaram-se os hábitos alimentares e o cuidado com a higiene e com a saúde. A medicina avançou muito e as pessoas perderam a crença em benzeduras e chás caseiros e passaram a comprar remédios preventivos e curativos.

Na época em que os colonizadores chegaram, não existia estradas, somente “picadas” que eram atalhos à beira rio. Para transitarem de um lugar para outro, utilizavam cavalos ou faziam

o trajeto a pé. A primeira estrada aberta foi da Igreja Evangélica de Alto Vargedo até as proximidades da atual casa de Teobaldo Scheidt. Posteriormente, foi escavada braçalmente uma estrada de Nova Trento até próximo de Rio Veado.

O MUNICÍPIO ATUALMENTE

Sua economia é pautada na agricultura, com destaque para a cebola, milho, feijão e fumo. A indústria é inexistente, o turismo anda a passos lentos, principalmente a falta de mão de obra, a distância das capitais, a falta de incentivos. O êxodo rural é preocupante. A migração de nativos se dá, principalmente, para a cidade de Florianópolis, Itapema, Porto Belo, Balneário Camboriú, Brusque e Blumenau. O município possui uma área altamente acidentada, com montanhas, muitos rios e córregos, dotando a cidade de um forte potencial hídrico. Praticamente a única região de terra plana é o centro da cidade, às margens do Rio Alto Braço, afluente do Rio Tijucas. Os atrativos são basicamente a natureza, através de belas cachoeiras e a festa do colono, realizada em julho. A cidade é um ótimo local para praticantes de trilhas de Moto Cross e jipe.

2.4. HISTÓRICO DA ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA BERTINO SILVA



Fonte: Acervo da estudante Djanie Carla Kreuzsch.

Relacionando a Escola de Educação Básica Bertino Silva, com o tema preconceito, vejo a importância de também trazer a sua história, que foi organizado segundo a obra de (CUNHA, 2012), A História da Escola de Educação básica Bertino Silva: a 83 anos educando para a cidadania.

Segundo o autor acima mencionado, em 1929, na sede do então Distrito de Vargedo foi criada a primeira Escola Pública Estadual, cuja denominação inicial foi Escola Pública Mista de Vargedo, que foi regida por Mainolvo José Antônio Lehmkuhl até o ano de 1931, quando o mesmo foi demitido por motivos políticos. Em 1932, lecionou nesta mesma escola o professor João Boiteux Piazza, sendo demitido em 1933, e em 1934 foi

novamente admitido o professor Mainolvo que lecionou até o ano de 1957, quando se aposentou.

Tabela 1 - Matrículas dos estudantes da E.E.B.
Bertino Silva.

ANO	Nº DE MATRÍCULAS
1930	67
1940	82
1950	129
1960	101
1970	156
1980	179
1990	359
1997	451
2004	552
2008	452
2012	399

Fonte: Secretaria da Escola de E.E.B. Bertino Silva

Na tabela 1 um aumento vertiginoso de matrículas a partir de 1930, principalmente entre as décadas de 1980 e 1990 quando são criados o 1º e 2º graus, hoje denominados Ensino Fundamental e Médio. No ano de 2004 chega ao número máximo de estudantes matriculados com o total de 552, diminuindo desde então pela redução da população agravada pela diminuição de nascimentos, êxodo rural e aumento de estudantes transferidos. Cabe registrar que até 2004 a escola contava com estudantes do município de Angelina que frequentavam o Ensino Médio. A ampliação do transporte escolar, a formação de turmas do Ensino Médio no turno diurno não foi suficiente para ampliar a matrícula dos estudantes.

Segundo (CUNHA, 2012), tratando-se do Enem, o portal.mec.gov.br traz: “Criado em 1998, o Exame nacional do Ensino Médio (Enem) tem o objetivo de avaliar o desempenho do estudante ao fim da escolaridade básica. Pode participar do exame estudantes que estão concluindo ou que já concluíram o ensino médio em anos anteriores. O Enem é utilizado como critério de seleção para os estudantes que pretendem concorrer a uma bolsa no Programa Universidade para Todos (Pro Uni). Além disso, cerca de 500 Universidades já usam o resultado do exame como critério de seleção para o ingresso no ensino superior.”

O quadro a seguir mostra que a Escola Bertino Silva, no ano de 2010 estava entre as 10 melhores Escolas Públicas de Santa Catarina com melhor desempenho no Enem.

Tabela 2 Desempenho EEB Bertino Silva ENEM 2010.

REDE STADUAL				
DESEMPENHO 10 MELHORES UNIDADES ESCOLARES NO ENEM- SC-2010				
MUNICÍPIO	ESCOLA	NOTA - ENEM	PARTICIPAÇÃO (%)	
FLOEIANÓPOLIS	EEB FELICIANO	613,74	92,5	
	NUNES PIRES			
PARAISO	EEB ADOLFO	604,65	32,1	
	SILVEIRA			
ANTONIO	EEB ALTAMIRO	595,99	61,1	
CARLOS	GUIMARÃES			

JARAGUÁ DO SUL	EEB DO MARCELINO GONÇALVES	595,29	44,8
LACERDÓPOLIS	EEB JOAQUIM D AGOSTINI	591,39	93,8
BALNEÁRIO CAMBORIÚ	EEB PROFª FRANCISCA ALVES GEVAERD	589,69	21,8
GASPAR	EEB FREI GODOFREDO	588,26	26,8
LEOBERTO LEAL	EEB BERTINO SILVA	587,9	55,6
NOVA VENEZA	EEB HUMBERTO HERMES HOFFMANN	586,03	41,3
FLORIANÓPOLIS	EEB PROFª LAURA LIMA	583,38	45,5

Fonte: INEP. www.sed.sc.gov.br.

Como já descrito anteriormente consideramos relevante aprofundar o olhar sobre o contexto local

Trazer a história do Município de Leoberto Leal vinculada ao histórico da escola, nos faz pensar que a influência da colonização de um povo, não como via de regra, justifica algumas vezes seu comportamento e atitudes.

Neste sentido, os materiais analisados no próximo capítulo, foram originários da comunidade Leobertense e a comunidade escolar. O que será tratado a seguir.

CAPÍTULO III

Nesta parte do trabalho sentiu-se a necessidade de explicitar o que será analisado, isto é, que material foi resultado de toda a pesquisa.

Tomou-se a decisão de que seriam feitas análises documentais, baseado no que nos diz LÜDKE (1986) apud PHILLIPS (1974), onde são considerados documentos “quaisquer materiais escritos que possam ser usados como fonte de informação sobre o comportamento humano”.

Neste sentido a análise será feita em materiais produzidos pelos estudantes do 2º ano médio da Escola de Ensino Básico Bertino Silva e também em questionário dirigido aos professores. Com o intuito de relacionar ao foco principal desta pesquisa: Preconceito.

Então, deve-se ler nas entrelinhas, ou como afirma LÜDKE (1986), é preciso que a análise não se restrinja ao que está explícito no material, mas procure ir mais fundo, desvelando mensagens implícitas, dimensões contraditórias e temas sistematicamente “silenciados”.

Os materiais que serão analisados foram adquiridos durante a realização de um projeto de intervenção que se construiu, quando em observações na comunidade escolar e no município de Leoberto Leal SC, perceberam-se falas e comentários com um cunho de preconceito. Esse olhar foi produzido ao longo do curso e teve seu aprofundamento em 2013-2, quando os estudantes foram desafiados a construir um projeto de intervenção que vinculasse escolas e comunidades, a partir de uma abordagem de investigação temática de (GOUVÊA, 2004).

E tais categorias de análise foram criadas por mim.

Percebem-se duas vertentes nestes materiais escritos, tanto dos estudantes como dos professores, isto é, duas visões sobre o tema: uma que denominei como a politicamente correta e outra que chamei de realista demais. Uma visão politicamente correta no sentido de que os sujeitos escreveram o que era esperado, o que todos gostariam de ler. Um exemplo neste sentido seria o estudante escreve o que o professor quer ler. Em contra posição vem uma visão realista de mais, que explicita os acontecimentos sem envolvimento sentimental. Trazendo para o contexto da pesquisa, os colaboradores gostariam que acontecesse, mas entendem que a realidade não permite uma utopia dentro da sociedade vigente.

3.1 UMA SOCIEDADE SEM PRECONCEITOS

Neste momento se faz presente falas dos estudantes, onde descrevem o que é preconceito em suas visões, informam tipos de preconceito conhecidos por eles.

O que seria então para os estudantes uma sociedade sem preconceito?

Visão de um estudante A2 de 15 anos, 2º ano Ensino Médio (09/06/2014), onde:

Uma sociedade sem preconceito seria uma sociedade “ideal”. Se as pessoas levassem em consideração o que a pessoa é de verdade ao invés de julga-la sem conhecer, seria tudo melhor porque não haveria injustiça. Em sociedade sem preconceito cada um seria amado ou odiado pelos seus atos e ideais e não pela cor da pele, classe social, etc.

Uma visão de que o mundo seria melhor se não fosse o preconceito, de que as posições fossem conquistadas através da ética. A justiça se faz presente neste depoimento, vinculada também a ética. Aqui fizemos uma relação com Pinsky quando

² A: todos os estudante serão identificados com letras maiúsculas, para manter sua identidade.

afirma: “direitos sociais, [...] aqueles que garantem a participação do indivíduo na riqueza coletiva”.

Estudante B de 16 anos, também no 2º ano Médio (09/06/2014), descreve que:

No meu ponto de vista, o preconceito é uma ignorância do ser humano, o mundo sem preconceito com certeza, seria um mundo sem violência, mais solidário e feliz, e também ninguém teria medo de arriscar, de ser feliz sem ser julgado. Lembrando que todos tem direito de fazer o que quiser da vida, também uma frase bem conhecida na atualidade, ganha sua vez, “uma sociedade sem preconceito faz um mundo sem escrúpulos”. Quem tem preconceito pode-se dizer que quando criança não ganhou educação. Um dos preconceitos piores é racial, onde é desvalorizado a cor da pele, também tem o preconceito religioso, contra mulheres, contra jovem, contra as crianças, pessoas idosas, gordos, magros, contra pessoas com deficiência, e o preconceito está tão presente, que se revela até na fala. Enfim podemos ver o que acontece perto da gente, essa em minha opinião é como seria a sociedade sem preconceito.

Uma sociedade sem preconceito seria uma sociedade que era respeitada, tinha um respeito um com outro, não olhando para a cor da pele o ou jeito que se veste. Uma sociedade justa que não descriminasse

ninguém. Sendo que ninguém é diferente que ninguém.

Novamente a associação com ética, com a justiça. Percebe-se também que este jovem tem conhecimento dos conceitos relacionados a vários tipos de preconceito, ou seja, sabe identifica-los.

Estudante³ C com 14 anos, 2º ano Médio (09/06/2014), onde vê uma sociedade sem preconceito como algo:

Inimaginável. Isso descreve uma sociedade livre de toda e qualquer forma de preconceito: xenofobia, homofobia, racismo. Entretanto seria tão utópico que fica difícil imaginar. Somos o futuro da sociedade, mudar a nossa mentalidade é o começo.

Observa-se aqui, total consciência do que esta ao redor, de sociedade no momento histórico e de possibilidades do que realmente pode acontecer, ou seja, de que é através de nós mesmos que podemos mudar a realidade, o que está posto como verdade única. Somos fruto de nossas relações sociais. Como afirma (DELIZOICOV, 2002), ao tratar dessas relações “são quatro grupos, - unidade familiar, escola, trabalho e outras

³ Estudantes: neste contexto é usado tanto para sexo feminino e masculino.

relações sociais-, ainda que eles não existam isoladamente e suas fronteiras não sejam sempre muito nítidas”.

Estudante D e E com 17 e 15 anos (09/06/2014), afirmam:

Uma sociedade nos dias atuais sem preconceito seria todas as pessoas vendo ao seu próximo igual a si mesmo. Sem diferença de cor, religião ou raça, porque afinal existe apenas uma raça e todos pertencemos a ela.

Acredito que uma sociedade sem preconceito ainda está muito longe do nosso alcance, mas acredito que haveria bem menos assassinatos, brigas..., haveria respeito entre as pessoas, enfim, haveria uma certa paz. As pessoas não teriam mais vergonha de mostrar seu estilo e tudo mais. O preconceito ainda está longe de acabar, porém se cada pessoa se conscientizar, sabendo que isso é apenas uma questão das características genéticas herdadas de seus pais, o preconceito seria bem menor e o mundo bem melhor.

O preconceito no Município de Leoberto Leal, ele é muito constante, e para ele acabar basta você fazer a sua parte, porque as raças são as mesmas, a única coisa é que as cores são diferentes. O preconceito é de diferentes classes, cor, sexo, dinheiro, etc. Diga não ao preconceito e junte-se a nós.

Estes estudantes conseguem trazer o assunto para a sua realidade, observando o município onde estuda, e o que eles consideram preconceito lá, e ao seu redor.

Não podendo ficar apenas com uma visão referente ao tema (preconceito), referindo-se aos depoimentos dos estudantes, fez-se um questionário também para os professores atuantes no Ensino Médio da EEB Bertino Silva⁴. Tal questionário foi encaminhado a seis professores do Ensino Médio, tendo retorno de apenas dois deles.

Entre as questões propostas algumas foram selecionadas para discussão neste texto. Identificamos como pertinente tais questões que seguem, sendo que também foram feitas aos estudantes. E as perguntas são direcionadas a coleta de informações relacionadas ao tema preconceito.

- Na sua visão pessoal, como seria uma sociedade sem preconceito?

Percebem-se também nas falas dos professores, posições com visão politicamente correta e realista.

⁴ Escola de Educação Básica Bertino Silva de Leoberto Leal.

Sendo descrito pelo professor 1 5, sociedade sem preconceito: “É uma sociedade aberta, onde todos podem viver sem as fronteiras que os impedem de ser livres”.

Em contra partida o professor 2, define como:

Seria a verdadeira democracia, uma sociedade ideal, uma utopia. Jamais viveremos uma sociedade sem preconceito. Pois a ideologia capitalista “fabrica preconceito”. A educação é uma forma de “quebrar preconceitos”, mas ela sozinha não dá conta. Assumimos as características culturais de nosso meio, mas podemos transformar a realidade onde estamos inseridos, e o que nos transforma é a educação.

Em uma análise sobre tal comentário, consideramos que tal depoimento se aproxima de uma visão realista, aonde uma possibilidade de mudança vem da educação ao mesmo tempo em que reconhece os limites impostos por uma sociedade organizada como ele descreve.

- Você professor sabe identificar e representar os grupos sociais que estão presentes em sua sala de aula?

⁵ Os professores serão identificados por números, para preservar sua identidade.

Aqui o professor 1 se refere a apenas um grupo, os “religiosos principalmente”, e responde com apenas um olhar para a sua sala de aula. Esse olhar que identifica apenas um grupo tende a homogeneizar a sala de aula, apagando, por exemplo; representantes de outros grupos.

Ao mesmo tempo em que o professor 2 diz: “A Escola Pública é a grande acolhedora das minorias, alunos com necessidades especiais, famílias carentes e desestruturadas e de classe média”. Será que esta visão da escola como acolhedora das minorias, não reforça uma visão preconceituosa dessas categorias? É importante que a escola tenha este papel, mas não deve ser o único.

- Historicamente falando, qual sua posição quanto ao comentário de que, sabendo qual a colonização de um local, justifica-se o comportamento de um povo, quanto aos preconceitos?

Em uma das declarações, o professor 1, apenas relata sobre um dos preconceitos, quando afirma: “Eu acho que isso é uma verdade, sendo a nossa cidade colonizada por alemães, existe sim um preconceito contra os negros”. Uma visão de que nesta sociedade, exista apenas o preconceito racial. Há uma naturalização, onde a palavra preconceito remete a apenas um tipo, o racial.

Já outro professor 2, vê a diferença como riqueza cultural, segue sua observação:

Qualquer preconceito tem origem na ignorância, na falta de conhecimento das diferenças culturais. Sim a característica cultural de um povo se justifica pela sua colonização, a sua história. Vejamos por exemplo, as diferenças culturais nas regiões brasileiras, mas essas diferenças é preciso respeitar e valorizar, pois a riqueza do Brasil, em particular, está nesta diversidade. Aprender que não existe cultura superior ou inferior. É importante conhecer, valorizar e conservar a nossa cultura, como também conhecer e respeitar culturas diferentes.

A diferença entre as respostas, deu-se pela visão única de preconceito do professor 1, e a visão mais abrangente das diferenças do professor 2. Um dos motivos dessa diferença pode estar na formação desses professores. Certamente nossas visões de mundo e realidade, tem relação com nossas histórias de formação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Bem como afirma Paulo Freire:

Gosto de ser gente porque, como tal, percebo afinal que a construção de minha presença no mundo, que não se faz no isolamento, isenta das forças sociais. [...] Escutar [...] significa a disponibilidade permanente por parte do sujeito que escuta para a abertura à fala do outro, ao gesto do outro, às diferenças do outro.

Num contexto escolar, vê-se a educação como um processo que deve estimular o pleno desenvolvimento da pessoa, de suas potencialidades, isto incluindo também o respeito à diversidade e à pluralidade cultural, de valores e atitudes em favor de uma sociedade mais justa e menos desigual como a que ainda vivemos. Tem-se consciência de que a maioria das vezes, o preconceito a pessoas surge de características consideradas sociais ou culturais negativas em relação a outras. Cor de pele, orientação sexual, gênero, necessidades educacionais são alguns exemplos de situações em que a diferença se transforma em desigualdade. Espera-se que todos percebam os prejuízos que as condutas preconceituosas geram na vida de todos para o seu convívio em sociedade.

Atitudes preconceituosas são atitudes de violência, seja explícito ou simbólico, o preconceito está fortemente presente

entre os estudantes e professores nas escolas. E no contexto deste trabalho, os que mais sofrem, são os de posição social não tão satisfatória perante a sociedade capitalista vigente. Entende-se que ninguém nasce com este tipo de conduta, é preferível acreditar, que é construído historicamente e em relações sociais.

Considerando a busca pela forma como o preconceito social se expressa nas falas dos sujeitos da comunidade escolar da Escola de Educação Básica Bertino Silva, entende-se que tais formas são de maneira velada, encravadas nas entrelinhas, com respostas prontas logo em seguida como: “mas a escola tenta, e muitas vezes consegue contornar situações difíceis”. O que se busca com uma pesquisa com esta temática, muitas vezes é encontrar soluções para os “problemas” existentes no local de estudo, mas o que é visto como “problema”, para um observador, pode ser visto pela comunidade escolar como acontecimentos rotineiros, que se consegue contornar. Percebem-se discursos prontos em combate a várias situações, mas é no cotidiano que percebemos a expressão do preconceito social, nas falas, nos gestos, ou até na falta dos itens anteriores.

Tal trabalho, deixa sua marca em minha formação. Pois vejo, hoje, a importância da pesquisa e a busca por um tema gerador para o trabalho interdisciplinar. A construção do conhecimento científico junto com o estudante, sem a ruptura de

sua própria realidade. O desafio de encontrar um tema, investigar, observar, fez com que o meu olhar para a sala de aula mudasse. Um sentimento de realmente estar compromissada com aqueles jovens, ou seja, preocupada com o que estava levando a aqueles estudantes, não apenas cumprir o estágio e o currículo.

Buscando respostas para as questões iniciais deste trabalho, que por sinal eram: Identificar de que forma o preconceito social se faz presente no contexto escolar, a partir de falas de estudantes, professores e comunidade, e, identificar em falas de sujeitos da comunidade de Leoberto Leal a presença de preconceito social, com vistas à produção de um olhar reflexivo sobre o tema. Percebo as limitações, de se pesquisar sobre um tema tão delicado. Pois o que vejo como problema, possivelmente, seja apenas a minha visão da comunidade em questão. Achar culpados? Apontar quem são? Não pode se fazer isso, pois a construção de comportamentos é feita de forma coletiva. Então ficaria muito fácil culpar a sociedade capitalista, mas é nesta sociedade que nos encontramos. É nesta mesma sociedade que devemos criar fissuras com novas metodologias.

REFERÊNCIAS

ALVES, Cécis Helena Gonçalves; GUCHERT, Lúcia M. Braun; KNISS, Roselene. Histórico da Escola de Educação Básica Bertino Silva. Trabalho orientado pela Profª Olga Callefi, Ituporanga, 1997.

ANTUNES, Celso. A Avaliação da Aprendizagem Escolar. 3. Petrópolis: Vozes, 2002.

AQUINO, Julio Gropa. Diferenças e Preconceitos na Escola: Alternativas Teóricas e Práticas. São Paulo: Summus, 1998.

BRASIL. Lei nº 9.394/96. Parâmetros Curriculares e Bases da Educação Nacional. Ministério da Educação e do Desporto. Brasília: MEC, 1998.

BRAUN, Leonir Pedro. GOEDERT, Sidiney José. Leoberto Leal, História de uma Terra e sua Gente. De Vargedo a nossos dias. Editora: Odorizzi. 2007.

CUNHA, Arisnaldo Adriano da. A História da Escola de Educação básica Bertino Silva: há 83 anos educando para a cidadania. 1. Ed. Leoberto Leal: NOVA ERA, 2012.

DELIZOICOV, Demétrio. Ensino de Ciências: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2011.

FERREIRA e GUIMARÃES, 2003, apud PPP do Colégio Estadual Ângelo Antônio Benedet – Ensino Fundamental e Médio, situa-se na Rua das Camélias, nº 515, município de Santa Terezinha de Itaipu - Paraná. <http://www.shwangelobenedet.seed.pr.gov.br/redeescola/escolas/11/2414/301/arquivos/File/PPP.pdf>. Consulta realizada no dia 01/07/2014.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 10ªed. Rio de Janeiro: Editora Paz. 1996.

LÜDKE, Menga. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas/ Marli E.D.A. André. São Paulo: EPU, 1986.

MARANDINO, Martha; SELLES, Sandra; FERREIRA, Márcia; AMORIM, Antônio Carlos. Ensino de Biologia: conhecimentos e valores em disputa. Niterói: Eduff, 2005.

MIRANDA, Sheila Ferreira. Preconceito, Cultural e Subjetividade: uma análise comparativa de dois posicionamentos teóricos. Mestranda em Psicologia Social pela UFMG. 2005.

PINHEIRO, Viviane Potenza Guimarães. Preconceito, Moralidade e Educação Moral para a Diversidade. Revista Brasileira de Educação. V.16 N. 46. 2011.

PINSKY, Jaime. A história da cidadania. São Paulo, Ed. Contexto, 2003.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. O Racismo no Cotidiano Escolar. Rio de Janeiro. Fundação Getúlio Vargas. 1994.

ANEXOS

Apresenta-se o projeto de intervenção, utilizado em aulas durante o estágio 2014-1. Como resultado desta intervenção surge um material escrito pelos estudantes, que foi denominado pelos mesmos como “Cartilha”. Tal material traz posições dos estudantes quanto ao conceito de preconceito, identificação de tipos de preconceito e suas visões de uma sociedade sem preconceito com relações entre os sujeitos com mais compreensão.

A metodologia escolhida para a construção desse material em questão, ou seja, a cartilha, através de planos de aula e um estágio, foram a instrumental, onde os estudantes fizeram levantamentos e coletaram informações na comunidade e em parceria com os professores das disciplinas envolvidas. Objetivou-se o favorecimento de um diálogo, dos estudantes entre si e com o professor, mas sem deixar de valorizar a relação direta com o conhecimento e a cultura historicamente acumulada pela humanidade.

Nem tudo o que planejamos realmente acontece por isso à necessidade de um planejamento flexível onde o professor esteja aberto a mudanças e saiba aproveitar as situações de criatividade e interesse dos estudantes. Trabalhar com a diversidade de atividades implica promover a capacidade dos estudantes, sua

participação no trabalho coletivo, adquirindo conhecimento a partir do que ele já sabe.

Trabalhar de uma maneira que possibilite uma estreita ligação dos relacionamentos entre os sujeitos e a escola com o que ocorre no seu interior e, também, ao seu entorno, possibilitando o seu pleno funcionamento. Métodos que em sua base estimularão a atividade e iniciativa dos alunos sem abrir mão, porém, da iniciativa e intermediação do professor.

- lançou-se então o desafio: Construção de um material informativo didático (que poderá ter o nome de panfleto, portfólio, cartilha, etc, enfim...) com os conhecimentos assimilados pelos estudantes durante todas as aulas que tivemos durante a intervenção (estágio). Fazendo uso de novos materiais e outras formas e fontes de pesquisa.

- Este material informativo e didático terá em seu conteúdo a visão destes jovens, de uma sociedade sem preconceito.

- Estimular os estudantes a trabalhar a parte visual deste material, elaborando uma capa com as devidas informações sobre seu conteúdo, com imagens, figuras e desenhos sobre os assuntos. Referências das pesquisas e os autores deste trabalho que serão os próprios estudantes

O resultado final desta atividade será a existência de um material impresso que poderá ficar na escola para uso futuro e

com outras turmas, quando tratar este tema aulas e eventos da mesma. E também poderá ser utilizados por outras instituições municipais. Este material consta a posição dos estudantes em relação ao conceito de preconceito:

6



⁷Jovem: Estudante! Cidadão!

Preconceito?

⁶ Esta figura trata-se da capa da cartilha, e o desenho foi produzido por um estudante da turma.

⁷ O título da cartilha foi escolhido pelos estudantes e a estagiária.

Apresentação

Segundo Munanga (2008, p. 17):

Não existem leis no mundo que sejam capazes de erradicar as atitudes preconceituosas que existem nas cabeças das pessoas (...). No entanto, cremos que a Educação é capaz de dar tanto aos jovens quanto aos adultos, possibilidade de questionar e de desconstruir os mitos de superioridade e de inferioridade entre grupos humanos que foram socializados (...) não temos dúvidas que a transformação de nossas cabeças é uma tarefa preliminar importantíssima. Essa transformação fará de nós os verdadeiros educadores, capazes de contribuir no processo de construção de individualidades históricas e culturais das populações que formam a matriz plural do povo e da sociedade brasileira.

Introdução

O papel da escola na desconstrução do preconceito.

A escola tem o papel de formar o aluno para o exercício de cidadania, do trabalho e continuar aprendendo ao longo da vida. Esta é a orientação da Lei de Diretrizes de Bases e das Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino no Brasil. Ampliar a cidadania é um dos objetivos principais que devem orientar o

trabalho pedagógico, e por causa disso, a escola tem que buscar o desenvolvimento de competência e habilidades que permitam compreender a sociedade que vivemos. Mas esta sociedade deve ser entendida como uma produção “dinâmica” dos seres humanos, um processo permanente de construção e reconstrução.

Preconceito

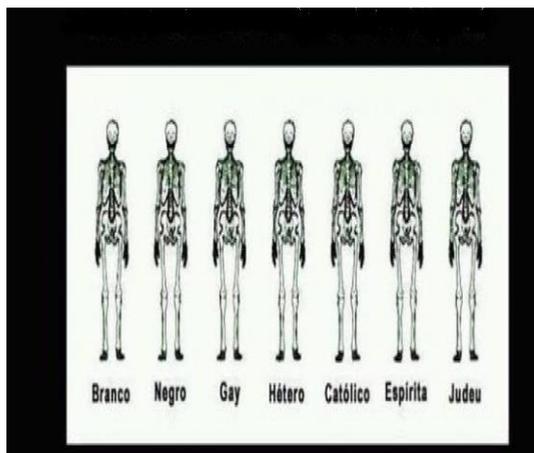
Preconceito é uma postura ou ideia pré-concebida, uma atitude de alienação a tudo aquilo que foge dos “padrões” de uma sociedade. É um “juízo” preconcebido, manifestado geralmente na forma de uma atitude “discriminatória” perante pessoas, lugares ou tradições considerados diferentes ou “estranhos”.

O preconceito leva à discriminação, à marginalização e à violência, uma vez que é baseado unicamente nas aparências e na empatia.

Para compreender o que é o preconceito, convém entender primeiro o conceito de atitude baseado nos estudos da Psicologia Social. Atitude é um sistema relativamente estável de organização de experiências e comportamentos relacionados com um objeto ou evento particular.

Suas características são: um fenômeno histórico, sua intensidade leva a uma justificativa e legitimação de seus atos, há grande sentimento de impotência ao se tentar mudar alguém com forte preconceito, vemos-nos outros e raramente em nós mesmos.

Alguns tipos de Preconceito.



Racismo: o racismo ocorre principalmente de duas formas. A primeira, e menos comum nos dias de hoje, é a atitude aberta de racismo, em que grupos específicos fazem propaganda pública passando a mensagem que uma raça é inferior à sua. São atitudes comuns a grupos da supremacia branca e alguns exemplos das suas ações são crimes de ódio, segregação e genocídio. A segunda forma de racismo é chamada de racismo encoberto, que atua dissimuladamente sob a forma de crença cultural de que pessoas de certa cor são inferiores.

Sexismo: o sexismo envolve a crença de que um sexo é naturalmente superior ao outro, usualmente que os

homens são superiores às mulheres e como tal devem ter mais poder. Isto coloca as mulheres em desvantagem em muitas áreas da sociedade. No exemplo do trabalho, em que se acredita que o homem é mais capaz, são criadas mais oportunidades para os homens do que para as mulheres. Por outro lado os estereótipos sobre as mulheres colocam-na muitas vezes, e predominantemente, como responsáveis pelas tarefas caseiras.

Homofobia: Desde sempre que a heterossexualidade é considerada superior à homossexualidade, muitas pessoas mostram aversão e hostilidade contra homossexuais e bissexuais. **Os crimes de ódio contra este grupo tornaram-se bastante comuns em algumas partes do planeta incluindo os Estados Unidos da América,** onde cerca de 1000 crimes são registados, por ano, contra a comunidade gay.

Preconceito com a idade: Este preconceito é mais comum do que se pensa, e tanto velhos como novos sofrem com isto. Os mais velhos são considerados ultrapassados e agarrados ao passado e os mais novos são ingénuos e inexperientes. **É cada vez mais praticado por empresas e 1/5 dos trabalhadores já sentiu este tipo de discriminação no trabalho.**

Preconceito contra a aparência: o preconceito contra a aparência é mais comum no Brasil. Vestir-se diferente na sociedade onde vivemos pode levar a pessoa a sofrer preconceito onde vive depende do jeito que esta. Sendo uma pessoa que tem tatuagem ou que usa qualquer outro acessório sofre preconceito pela sociedade. Sofrem até quando querem começar trabalhar, certas empresas não aceitam pessoas que tem um modo diferente de se vestir ou ter tatuagem e outros acessórios.

Preconceito contra o peso: geralmente mais comum contra pessoa que esta acima do peso, é apontada na sociedade como uma baleia ou qualquer outra coisa, depende da empresa muitas vezes não aceitam pessoas com um peso acima ou abaixo do normal. **Está tão intrínseco na sociedade que as pessoas se discriminam.**

Preconceito contra Religião: No entanto não são só as religiões organizadas que sofrem de discriminação, os ateus são também discriminados por grupos religiosos. Depende da religião a pessoa sofre preconceito, sendo da Igreja Católica, Evangélica, Quadrangular, Assembleia de Deus, etc., as crenças das religiões levam a pessoa sofrer o preconceito.

Preconceito contra Deficientes: **As pessoas com este preconceito têm tendência a inferiorizar pessoas com deficiência e em algumas partes do mundo há instituições que negam os seus serviços e emprego a este grupo de pessoas.** Podemos perceber isso nas calçadas que não tem acesso para os

cadeirantes, ou mesmo com os cegos que não possui sinalizações nas calçadas para eles localizarem-se.

Preconceito contra a classe Social: O preconceito das classes sociais toma normalmente forma através dos mais ricos contra os que estão menos bem. **Um exemplo de preconceito social evidente é a Índia**, em que o sistema de castas, que divide as classes sociais da população, provoca limitações nas aspirações de vida para as castas inferiores.

Algumas frases históricas sobre Preconceito

"O preconceito é um espinho demasiado fino; é difícil arrancá-lo." Anne Louise Gemaine Necker

"Enfrentar preconceitos é o preço que se paga por ser diferente." Luiz Gaspareto.

"Enquanto a cor da pele for mais importante que o brilho dos olhos, haverá guerra!" Bob Marley.

"Eu tenho um sonho, o sonho de ver meus filhos julgados por sua personalidade, não pela cor de sua pele." Martin Luther King.

"Tempo difícil esse em que estamos, onde é mais fácil quebrar um átomo do que um preconceito." Albert Einstein.

O preconceito ao longo da história

Verdade é que o preconceito está enrustido na nossa história. Contra as mulheres, a imagem de fragilidade e submissão sempre esteve ligada à mulher na história, principalmente na antiguidade, idade média e moderna. Menores salários, piores condições trabalhistas, desvalorização e desdenho da sua produção. O preconceito contra judeus, o Catolicismo Romano fortaleceu esse preconceito durante séculos, graças à Inquisição. Você vê que nos países protestantes a perseguição contra os judeus não foi nem a 10ª parte do que foi nos países católicos que juntamente a xenofobia foram os desencadeantes da 2º guerra mundial, o repúdio a culturas diferentes geralmente traz em sua essência o ódio, a animosidade, o preconceito, embora este possa provir também de outras raízes, como opiniões preconcebidas sobre determinados grupos. Podemos perceber que fez-se presente o preconceito desde sempre, discriminação ao que nos é novo ou diferente, ao que foge do nosso comum, ao que não idealizamos.

O preconceito contra o deficiente ao longo da história

Gustavo Casimiro Lopes

-O indivíduo que apresenta alguma deficiência é em muitos casos exposto a situações de agressão e violência, geradas basicamente pelo preconceito. Neste contexto, persiste a ideia de

que estas pessoas seriam “anormais” ou “limitadas”, fato que inclusive faz com que o deficiente tenha dificuldades para se inserir no mercado de trabalho (CRISTINA & RESENDE, 2006).

-Muitas vezes o termo utilizado para descrever um indivíduo com deficiência é negligenciado e em muitos casos o termo mais usado é portadores de deficiência. Ao realizar uma pesquisa na base de dados Scielo, foram encontrados 6 artigos publicados entre 2001 e 2011, que utilizaram o termo “portador” de deficiência. A partir de 1981, foi introduzida a expressão pessoa deficiente, porém este termo foi abandonado, já que sugeria que a pessoa inteira é deficiente. Em seguida surgiu o termo pessoa portadora de deficiência, frequentemente reduzida para portadores de deficiência, palavra que logo sofreu críticas, pois de acordo com o movimento pelos direitos das pessoas com deficiência, as pessoas não portam uma deficiência como portam um sapato ou uma bolsa (RODRIGUES & SELEM, 2006). Por volta da metade da década de 90, entrou em uso a expressão pessoas com deficiência, que valoriza o cidadão e mostra com dignidade a realidade da deficiência, termo este que permanece até os dias atuais (SASSAKI, 2003).

-Cabe destacar que estes comportamentos são também influenciados por diversos fatores, incluindo questões culturais e sociais ao longo da história. Registros históricos mostram que no período que compreende os anos de 1200 até 1940, pessoas com

deficiência eram submetidas a diversos procedimentos que em muitos casos levavam à morte.(ADAMS, 2007).

O antropólogo Francis Galton (1822-1911), publicou em 1901 um manuscrito onde aplicava a Teoria da Evolução de Charles Darwin, na sociedade humana. Neste texto ele afirmava que existem pessoas com mais “valor cívico” do que outras e que tal patamar poderia ser alcançado, por meio do acasalamento seletivo tal como é feito com bois e cachorros (GALTON, 1901). Nesta época, se considerava que ao impedir a procriação dos indivíduos de menor valor, através da esterilização, se impedia que sua “fraqueza” fosse perpetuada para a próxima geração melhorando o estoque do material humano. No entanto esse conceito foi remodelado, incluindo também o extermínio baseado no argumento de não era necessário para a sociedade se importar com pessoas “mentalmente ou intelectualmente mortas” quando o Estado sacrificou gerações de vidas saudáveis e jovens no campo de batalha. Sendo assim, no final da Primeira Guerra Mundial, teve início na Alemanha nazista um programa de eutanásia para crianças deficientes (Figura 1), chamado programa T4, que também tinha como objetivo se expandir para adultos (HUDSON, 2011). Baseado na lógica nazista esse projeto foi amplamente divulgado por meio de cartazes e tinha o seguinte lema: “porque Deus não quer que o doente se reproduza”.

-A visão Eugenista da sociedade é anterior a esse período, onde podem ser observados registros de tais práticas em

diferentes regiões do mundo. No Império Bizantino, a Igreja Católica em conjunto com o Estado, levava pessoas com deficiência para mosteiros (SCHEWINSKY, 2004), enquanto que na Idade Média, a deficiência era vista como atuação de maus espíritos e do demônio, sob o comando das bruxas, e também resultado da ira celeste e castigo de Deus (ADAMS, 2007).

-Em Esparta essa ideologia pode ser observada de forma bem clara. Por volta de 480 a.C., crianças recém-nascidas frágeis ou com alguma deficiência eram jogadas do alto do monte Taigeto a mais de 2.400 metros de altura por não estarem dentro do padrão físico adequado (SULLIVAN, 2001). A civilização romana, por sua vez, preconizava a perfeição e estética corporal, a deficiência era tida como monstruosidade fato que legitimava atos seletivos tal como (...) o infanticídio.

-Nesta época, indivíduos portadores de deficiência eram apresentados como monstros para o público, inclusive de forma artificial através de manipulações cirúrgicas (DASEN, 1988). Estudos indicam que a cultura grega, pode ter sido de fato um ponto de transição na forma como o deficiente era tratado pela sociedade. Portadores de deficiência na Grécia eram descritos por palavras como “fraco”, “incompleto” ou “imperfeito”. As evidências disponíveis indicam que a sociedade é que determinava se uma pessoa era ou não deficiente. Se um indivíduo com uma determinada limitação era capaz de se sustentar ou tivesse alguém que lhe desse auxílio, ele se mantinha

integrado na sociedade e não era considerado clinicamente deficiente (BAKER, 2006).

-Existem outras indicações de que no Egito Antigo os portadores de deficiência não eram necessariamente isolados da sociedade, sugerindo que a pessoa com deficiência se integrava em diferentes classes sociais, inclusive constituindo família. Relatos adicionais mostram também que eles exerciam funções de relativa importância social como pode ser observado em diferentes achados arqueológicos (KOZMA, 2006).

-Por outro lado, o corpo marcado pela deficiência, por ser disforme ou fora dos padrões, lembra a imperfeição humana (FRANCO & DIAS, 2005).

-A exclusão social do deficiente foi construída historicamente em um processo de transição que parece ter ocorrido na Grécia Antiga por volta de 480 a.C. que se concretizou após a queda do Império Egípcio pelos romanos (SULLIVAN, 2001). A expansão do Império Romano na Europa pode explicar, ao menos em parte, a modificação na forma como o deficiente passou a ser encarado pela sociedade, persistindo até os dias de hoje. Entender este processo pode ajudar a compreender algumas das bases onde se sustentam certos pré-julgamentos e comportamentos discriminatórios contra o deficiente. O fato mais interessante recai na forte possibilidade de que diferente do que o senso comum nos indica a exclusão social do deficiente ao longo da história não é uma norma

Para os estudantes como seria uma sociedade sem preconceito.

Uma sociedade sem preconceito, como por exemplo uma sociedade sem violência e sem exclusão. Todos vivendo unidos e em paz, deixando de lado as aparências e levando em consideração que somos todos humanos, de uma mesma raça, iguais e com direitos iguais. (Juliane Eduarda Scheidt)

Preconceito é algo que há em toda parte, em todo lugar e em toda cidade. Na minha opinião, preconceito é algo que nunca vai acabar. Mas em uma cidade em que o preconceito acabasse, as pessoas seriam muito mais unidas, e para isso acontecer cada pessoa devia se conscientizar e ver como todos somos iguais. (Itairã Rossi)

O preconceito no município de Leoberto Leal é muito constante e para ele acabar basta você fazer sua parte, porque a raça é a mesma, a única coisa é que as cores são diferentes, o preconceito é de diferentes classes exemplo, sexo, dinheiro etc. Diga não a preconceito e junte-se a nós. (Leandro José May)

Uma sociedade sem preconceito é uma sociedade, mas unida, há mais igualdade há pouca violência. (Paulo Henrique França)

Eu acho que seria muito bom se nossa sociedade não tivesse preconceito, pois não teria brigas, e todo mundo seria amigo e ninguém teria preconceito com ninguém. (Guilherme Augusto Vermölhen)

Uma sociedade nos dias atuais sem preconceito seria todas as pessoas vendo ao seu próximo igual a si mesmo. Sem diferença de cor, religião ou raça, porque afinal existe uma raça e todas pertencem a ela. (Bruna Merten)

Uma sociedade que não tem preconceito é uma sociedade alegre, participativa e também são pessoas com uma vontade de ajudar uns aos outros. Mas hoje em dia todos sofrem mais com preconceito, digo não para o preconceito. (Luciano dos Anjos)

Em minha opinião, tudo seria mais fácil, não seríamos discriminados só por causa de um erro que cometemos, não seríamos excluídos pela cor da pele, da altura ou peso, seríamos todos felizes. (Adriana Eger)

O mundo sem preconceito seria ótimo, porque hoje em dia, a gente sofre, mas com preconceito do que recebe elogios, tudo isso por causa de diferenças físicas principalmente. (Leandro Koenig)

Inimaginável. Isso descreve uma sociedade livre de toda e qualquer forma de preconceito: xenofobia, homofobia, racismo. Entretanto seria tão utópico que fico difícil imaginar. Somos o futuro da sociedade, mudar a nossa mentalidade é o começo. (Marília de Souza Marian)

Pensar em uma sociedade sem preconceito é algo difícil, já que esta é uma completamente distante da nossa. Um povo que se respeita que vê diferença como uma coisa boa, e não como um motivo para rir ou excluir alguém. Dizer que somos todos iguais corresponde apenas aos nossos direitos e deveres. Fisicamente, somos muito distintos, e temos que agradecer por isso, pois viver em um mundo onde todos são iguais não teria a menor graça. (Emanoela de Oliveira e Silva)

Uma sociedade sem preconceito seria uma sociedade “ideal”. Se as pessoas levassem em consideração o que a pessoa é de verdade ao invés de julgá-la sem conhecer, seria tudo melhor porque não haveria injustiça. Em uma sociedade sem preconceito cada um seria amado ou odiado pelos seus atos e ideais e não pela cor da pele, classe social, etc. (Gabriela Aparecida Bauer)

Uma sociedade sem preconceito seria uma sociedade ideal. O preconceito surge durante a vida com os ensinamentos que nos são dados, ninguém nasce preconceituoso, apenas se torna. Se as pessoas levassem em consideração o que a pessoa é de verdade

ao invés de julga-la sem conhecer, seria tudo melhor, pois não haveria injustiça. (Natalia Fernanda Elias)

O mundo hoje é muito preconceituoso, em todas as origens. Os preconceitos são muito banais, por exemplo o racial, por causa da cor, isso é algo que não tem nada a haver, porque somos brancos ou negros... somos todos seres humanos. Mesmo assim todos temos preconceito e passamos de geração em geração. (Edilson M. Marian)

Acredito que uma sociedade sem preconceito ainda está muito longe do nosso alcance, mas acredito que haveria menos assassinatos, brigas..., haveria respeito entre as pessoas, enfim haveria uma certa paz. As pessoas não teriam mais vergonha de mostrar seu estilo e tudo mais, seria uma sociedade maravilhosa de viver. O preconceito ainda está longe de acabar, porém se cada pessoa se conscientizar, sabendo que isso é apenas uma questão das características genéticas, herdadas de seus pais o preconceito seria bem menor e o mundo bem melhor. (Jéssica Kraus)

Uma sociedade sem preconceito talvez não seja capaz de existir, pois há sempre pessoas que não aceitam as ideias dos outros. Um dos preconceitos que mais conhecemos é o de cor da pele, preconceito contra o negro, essas pessoas são excluídas, não se sentem dignas de viver em sociedade. Também a homofobia,

que são pessoas que gostam do mesmo sexo, que lutam todos os dias para que possam viver em sociedade. Há também o preconceito quanto a mulher, que a mulher não pode participar de algumas coisas, lugar de mulher é cuidando apenas da casa. Podemos trocar nossas falhas, mas não devemos perder nossos princípios. Se cada um cuidasse mais de si, não haveria tantos problemas pessoais e dentro da sociedade. (Ketlyn Karolayne Kreusch)

Uma sociedade sem preconceito seria uma que era respeitada, tinha respeito um com o outro, não olhando a cor da pele ou o jeito de se vestir. Uma sociedade justa que não discriminasse ninguém. Sendo que ninguém é diferente de ninguém. (Eduarda Elvira Kreusch)

Preconceito é um juízo préconcebido, manifestado na forma de uma atitude. Existem o preconceito do rico contra o pobre, do magro contra o gordo, etc. O preconceito é uma falta de respeito um com o outro. (Leize Aparecida Kammer)

Se não tivesse preconceito seria tudo melhor, a sociedade seria um lugar ideal. As pessoas não seriam julgadas pela cor da pele, o que não define o caráter. As pessoas deviam levar em consideração o que a pessoa é de verdade ao invés de julgá-la sem conhecer. (Milena Jaqueline Kreusch)

No meu ponto de vista, o preconceito é uma ignorância do ser humano. O mundo sem preconceito com certeza seria um mundo sem violência, mais solidário e feliz, e também ninguém teria medo de arriscar ser feliz sem ser julgado. Lembrando que todos tem direito de fazer o que quiser da vida, também uma frase bem conhecida na atualidade, ganha sua vez “uma sociedade sem preconceito faz um mundo sem escrúpulos”. Quem tem preconceito pode se dizer que quando criança não ganhou educação. Um dos piores preconceitos é o racial, onde é desvalorizado a cor da pele. Também tem o preconceito religioso, contra mulheres, contra jovem, contra as crianças, pessoas idosas, gordos, magros, contra pessoas com deficiência. E o preconceito está tão presente que se revela até na fala. Enfim podemos ver o que acontece perto da gente, essa na minha opinião seria uma sociedade sem preconceito. (Carla Roberta Marian)

Entrevistas⁸

As pesquisas foram feitas pela estudante Jéssica Kraus, 2º ano Vespertino da Escola de Ensino Básico Bertino Silva, com pessoas de seu convívio.

Pergunta: Na sua opinião o que é preconceito?

⁸ Esta entrevista faz parte da cartilha. E foi trabalhado em sala de aula durante o estágio.

Respostas: Preconceito é você julgar uma pessoa pelo seu estilo, cor, sem antes mesmo conhecer essa pessoa. (Rapaz de 18 anos)

Preconceito é quando uma pessoa não gosta da outra, quando alguém humilha alguém por ser pobre ou negro. (Senhora de 39 anos)

Preconceito é quando uma pessoa rejeita e humilha outra pelo fato dela ser diferente de você. (Senhor de 46 anos)

Pergunta: Você é uma pessoa preconceituosa? Por que?

Respostas: Sou sim. Muitas pessoas que tem um estilo diferente do meu, sou meio preconceituoso. Fui criado de uma forma diferente e qualquer outro estilo diferente sou preconceituoso. (Rapaz de 18 anos)

Não. Para mim, todos são iguais. Muitas vezes, por exemplo: uma pessoa que é julgada por todos pode ser muito mais querida do que alguém pode imaginar. (Senhora de 39 anos)

Não. Porque gosto de conhecer pessoas e conversar com elas, independente de como ela é. (Senhor de 46 anos)

Pergunta: Você já sofreu preconceito? Qual?

Respostas: Sim. Já sofri preconceito pelo fato de ter cabelo loiro. As vezes quando não sabia alguma questão escolar, alguns alunos

falavam que era pelo fato do meu cabelo ser loiro. (Rapaz de 18 anos)

Não na minha frente. Talvez alguém pode me julgar sem eu saber, mas nunca percebi nada contra mim envolvendo preconceito. (Senhora de 39 anos)

Sim. Pelo meu peso ser acima do aceitável pela sociedade e pelo motivo de eu ser careca. (Senhor de 46 anos)

Considerações finais

Podemos afirmar então, que todos nós, de alguma forma, possuímos algum tipo de preconceito. O que devemos mudar é como deixamos que nossos preconceitos afetem nossas decisões, nossas ações, e principalmente nossa forma de enxergar o mundo. Devemos ter em mente que a nossa vida se justifica na dignidade humana, social e ética.

Será que faz algum sentido nos considerarmos superiores uns aos outros, sendo que todos temos a mesma origem? Julgar e ter preconceito pela pessoa somente pelo fato de produzirmos mais ou menos melanina que ela? Não deveríamos valorizar mais os neurônios do que os melanócitos?

Realmente, não faz nenhum sentido. O caráter de uma pessoa independe da cor da pele. Por isso, devemos exterminar toda e qualquer espécie de preconceito.

Referências⁹

MUNANGA, Kabengele. Superando o Racismo na escola. 2ª edição revisada. – [Brasília]: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2008.

SASSAKI, Romeu Kazumi. Inclusão: construindo uma sociedade para todos. Rio de Janeiro:WVA, 1997.

LOPES, Gustavo Casimiro. Professor da disciplina de Educação Física adaptada, UERJ. Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

SILVA OM. A epopeia ignorada – A pessoa deficiente na História do mundo de ontem e hoje. São Paulo: CEDAS, 1987.

Brasile scola.com/psicologia/atitude-preconceito-estereotipo.htm/
consulta dia 06/06/14.

Citador.pt/frases/citações/t/preconceito/10/ consulta dia
08/06/14.

Infoescola.com/psicologia/xenofobia/ consulta dia
09/06/14.

⁹ Trata-se das referências da cartilha.

Como mencionado no capítulo III, segue em anexo o questionário aplicado aos Professores atuantes no Ensino Médio da escola e suas respostas na íntegra:

- 1) O que você como Professor pode dizer deste texto: “É através de como nos é ensinado, entre outros processos sociais, que nossos corpos são moldados aos papéis de gênero, raça, classe que nos são destinados”?

Resposta Professor 1 – O texto nos remete a Karl Marx que diz que somos produto da história, mas ao mesmo tempo podemos ser protagonistas da história. Assumimos as características culturais de nosso meio, mas podemos transformar a realidade onde estamos inseridos. E o que nos transforma é a Educação.

Resposta Professor 2 – Sempre que recebemos uma boa orientação (em todos os sentidos) em casa, na escola, irá refletir-se em nossos atos.

- 2) Na sua visão pessoal como seria uma sociedade sem Preconceitos?

Resposta Professor 1 – Seria a verdadeira Democracia, uma sociedade ideal, uma utopia. Jamais viveremos uma sociedade sem preconceitos, pois a ideologia capitalista “Fabrica Preconceito”. A educação é uma

forma de “Quebrar Preconceitos”, mas ela sozinha não dá conta.

Resposta Professor 2 – Sem preconceitos é uma sociedade aberta, onde todos podem viver sem as fronteiras que os impedem de ser livres.

- 3) Já realizou em sala de aula algum trabalho abordando o tema Preconceito?

Resposta Professor 1 – Sim, é um tema que está no Currículo da História, Filosofia e sociologia. A partir de estudos de textos. Precisamos de debates e campanhas sobre o Racismo.

Resposta Professor 2 – Infelizmente ainda não.

- 4) Você Professor sabe identificar e representar os grupos sociais que estão presentes em suas salas de aula? Quais são?

Resposta Professor 1 – Sim. A Escola Pública é a grande acolhedora das minorias, alunos com necessidades especiais, famílias carentes e desestruturadas e de classe média.

Resposta Professor 2 – Religiosos principalmente.

- 5) Historicamente falando, qual sua posição quanto a comentários de que, sabendo qual a colonização de um local, justifica-se o

comportamento de um povo, quanto aos preconceitos?

Resposta Professor 1 – Qualquer preconceito tem origem na ignorância, na falta de conhecimento das diferenças culturais. Sim a característica cultural de cada povo se justifica pela sua colonização, a sua história. Vejamos por exemplo as diferenças culturais nas regiões brasileiras, mas essas diferenças, é preciso respeitar e valorizar, pois a riqueza do Brasil, em particular, está nesta diversidade. Aprender que não existe cultura superior ou inferior, é importante conhecer, valorizar e conservar a nossa cultura, como também conhecer e respeitar culturas diferentes.

Resposta Professor 2 – Eu acho que isso é uma verdade. Sendo a nossa cidade colonizada por Alemães, existe sim um preconceito contra os negros.

- 6) Você já sofreu algum tipo de preconceito? Qual?

Resposta Professor 1 – Não que eu me lembre.

Resposta Professor 2 – Não.